

Poema divulgado em folheto a 23/3/45, pela União dos Trabalhadores Intelectuais (UTI), republicado no *Correio da Manhã*, de 29/3/45 e em *O Jornal*, na mesma data.

*Carlos Drummond de Andrade*

*Mal foi amanhecendo no subúrbio  
as paredes gritaram: anistia.*

*Rápidos trens chamando os operários  
em suas portas cruéis também soavam  
anistia, anistia.*

*Os bondes vinham cheios. Taboetas  
já não diziam Muda, Méier, Barcas.  
Uma palavra só, nelas gravada:  
anistia.*

*Os jornaleiros brandem um papel  
de dez metros de alto por cinqüenta.  
Nesse cartaz imenso, em tinta rubra:  
anistia.*

*Já as lojas pararam de vender.  
Os vidros, os balcões se rebelando  
beijam teu nome, roçam tua imagem,  
anistia.*

*Se olho para as rosas: anistia.  
Para os boeiros da City, para os céus,  
para os montes em pé nas altas nuvens:  
anistia.*

*Anistia nos becos, nos quartéis,  
nas mesas burocráticas, nos fornos,  
na luz, na solidão: só anistia.*

*E bate um sino. Um remo corta a onda.  
Alguém corre na praia. Estes sinais  
querem dizer apenas, sem disfarce,  
anistia, anistia.*

*A sorte corre hoje. Último número.  
Compro o bilhete. Para decifrá-lo,  
não preciso de códigos. Avisa-me:  
anistia.*

*Anistia: teu nome se dispersa  
no vento de Ipanema e do Leblon  
para condensar, sopro terníssimo,  
sobre todas as casas: anistia.*

*Esta é a voz dos mortos sob o mármore,  
é a voz dos vivos no batente. Ouço  
mil bocas em silêncio, murmurando:  
anistia.*

*E ouço as pedras na rua, ouço os insetos,  
ouço os andaimes, ouço os guardachuvas,  
ouço tudo rangendo, reclamando  
anistia.*

*Vem, pois, ó liberdade, com teu fogo  
e tua rosa rebelde nos cabelos.  
vem trazer os irmãos para o sol puro  
e incendiar – de amor – os brasileiros.*